

# Lendo Octavia E. Butler: a experiência de criação de um Clube do Livro com estudantes do Ensino Médio

Andrade, Mariana Neto Silva <sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo, pretendemos tecer algumas reflexões advindas do desenvolvimento de um projeto de extensão, o qual visava a implementação de um Clube do Livro no CEFET/RJ - UnEd Nova Iguaçu, no ano de 2023. Tal processo baseou-se em uma pesquisa prévia acerca dos hábitos de leitura da comunidade escolar, a qual norteou a escolha da obra inaugural para leitura e debate. Optamos por *Kindred*, da autora de ficção científica Octavia E. Butler, baseados em algumas proposições: a leitura como espaço e plataforma de emancipação; a relevância de uma autoria negra feminina, com a representatividade trazida pela figura de Butler e a urgência da temática racial abordada em sua obra; a importância do ato de ler enquanto prazer e, ao mesmo tempo, fruição. Apresentaremos, aqui, esse percurso, com os arcabouços teóricos que o sustentaram, bem como as conclusões a que chegamos.

*Palavras-chave: Clube do Livro; Octavia E. Butler; Kindred; leitura literária.*

## Reading Octavia E. Butler: creating a Book Club with High School students

## ABSTRACT

In this article, we intend to reflect on the development of an extension project for the implementation of a Book Club at CEFET/RJ - UnEd Nova Iguaçu, in the year of 2023. Previous research was carried out on the reading habits of the school community. From this, the inaugural work was chosen for reading and debate. We chose *Kindred*, by science fiction author Octavia E. Butler, based on some propositions: reading as a space and platform for emancipation; the relevance of a black female author, with the representation brought by the figure of Butler and the urgency of the racial theme in her work; the importance of the act of reading as a pleasure and, at the same time, enjoyment. Here we will present our theoretical frameworks, as well as the conclusions we reached.

*Keywords: Book Club; Octavia E. Butler; Kindred; literary reading.*

## Leyendo Octavia E. Butler: la experiencia de creación de um Club de Lectura con estudiantes del secundario

---

<sup>1</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no CEFET / RJ – Campus Nova Iguaçu. Email: mariana.andrade@cefet-rj.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2321763778275622>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2362-228X>.

## RESUMEN

En este artículo pretendemos reflexionar sobre el desarrollo de un proyecto de extensión, que tuvo como objetivo implementar un Club de Lectura en el CEFET/RJ - UnEd Nova Iguaçu, en 2023. Se realizó una investigación previa sobre los hábitos lectores de la comunidad escolar, que orientó la elección de la obra inaugural de lectura y debate. Elegimos *Kindred*, de la autora de sci-fi Octavia E. Butler, basándonos en algunas propuestas: la lectura como espacio y plataforma para la emancipación; la relevancia de una autora mujer y negra, con la representación que aporta la figura de Butler y la urgencia del tema racial abordado en su obra; la importancia del acto de leer como placer y, al mismo tiempo, disfrute. Aquí presentaremos este recorrido, con los marcos teóricos que lo sustentaron, así como las conclusiones a las que llegamos.

*Palabras clave: Club del Libro; Octavia E. Butler; Kindred; lectura literaria.*

## INTRODUÇÃO

Tzvetan Todorov, no famoso trabalho *A Literatura em perigo* (2009), parte de sua experiência pessoal - a paixão pela leitura, incentivada pelos pais, ambos bibliotecários - para avaliar a importância da leitura na formação plena do indivíduo. Ao poder "satisfazer minha curiosidade, viver aventuras, experimentar temores e alegrias" (2009, p. 16), o jovem Todorov desfrutou, na Bulgária, de um momento que evidencia o caráter universal da literatura: a sua capacidade de produzir prazer e despertar o traço imaginativo que temos todos, mais ou menos adormecido dentro de nós.

Dito isso, o poder das páginas, conforme aponta Todorov, vai além. Por meio da literatura, somos capazes de desenvolver empatia em relação a nós mesmos e ao outro - compreendendo o mundo, compreendemo-nos, seja por meio da identificação, seja por meio do contato com o diverso, de forma a ampliar fronteiras e construir pontes. A obra literária possibilita a expansão de nossa percepção e fortalece o sentido de humanidade. É o que o autor apresenta, por exemplo, no belíssimo excerto que abaixo reproduzimos:

Hoje, se me pergunto por que amo a Literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me



REVISTA  
interterritórios

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

permite melhor compreendê-las. Não creio ser o único a vê-la assim. Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a Literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a Literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (Todorov, 2009, p. 23–24).

Tomamos a liberdade de já apresentar tal citação, pois ela representa, em síntese, o princípio a partir do qual idealizamos a criação de um Clube de Leitura Literária no CEFET/RJ – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca –, Unidade Nova Iguaçu. Cientes de que nossa instituição preza pelo Ensino Médio Técnico Integrado, formando estudantes capacitados tanto para o mercado de trabalho quanto no que se refere às disciplinas do nível médio, cremos que o espaço escolar pode e deve ir além dessa visão. O contato com a Literatura, em essência, vai além do ensino escolar: esse *ajudar a viver* que Todorov aponta em seu texto é uma formulação tão sucinta, mas que, ao mesmo tempo, diz tudo.

Não nos escapa o fato de que Todorov aponta para a adolescência como um momento crucial, no qual os livros podem especialmente atingir um jovem que está em pleno processo de formação de sua identidade e de sua conexão com o seu entorno. Evidentemente, a Literatura representa ganhos em diferentes fases da vida, para qualquer que seja o leitor interessado, mas a faixa etária em questão, usualmente conhecida pelas problemáticas relacionadas ao compreender-se a si próprio e às ponderações no trato com o outro, pode especialmente ser beneficiada com o diálogo que a leitura e o debate podem trazer. Petit (2008) aponta que "em quase todo o mundo, a juventude é motivo de preocupação porque os caminhos não estão mais todos traçados, porque o futuro é intangível" (2008, p. 16). Em um momento no qual os adolescentes são, conforme expressão cunhada por Ferreira (2022), a *geração do quarto*, marcada por indivíduos que mostram "quase nenhuma interlocução com as pessoas que moram na mesma casa, muita dificuldade de



dizer o que sentem e um potencial de violência contra si ou contra o outro muito intenso, muito forte" (2022, p. 16), a leitura é uma excelente ferramenta para retirá-los de suas cavernas e proporcionar novos olhares e consciências.

Também não perdemos de vista a concepção acerca do nosso contexto geográfico e social. Localizada na Baixada Fluminense, a Uned Nova Iguaçu constitui-se como uma escola de referência no entorno, sendo encarada, por muitos discentes, como uma oportunidade de ter acesso a uma formação tecnológica plena, bem como a uma abordagem pedagógica consistente nos conteúdos ofertados. Nesse sentido, os projetos ali desenvolvidos oferecem e descortinam opções de engajamento estudantil, dando autonomia aos estudantes e fornecendo-lhes inúmeras oportunidades. Dentro desse contexto, a criação e a consolidação de um Clube de Leitura Literária surge como a possibilidade de contribuir para esse cenário de autoestima e aprendizagem.

## Uma investigação sobre os hábitos de leitura

A ideia de implementar um Clube do Livro na escola vai ao encontro da vontade de desenvolver projetos de extensão que promovam a troca espontânea e democrática de conhecimentos entre instituição e comunidade escolar. Nesse sentido, fomentar a leitura e viabilizar rodas de conversa acerca do que foi lido são ações que priorizamos desde o primeiro momento de idealização da proposta: conforme aponta Colomer, "*ouvir, compartilhar e ajudar no esforço de ler textos que valham a pena* são as novas coordenadas que presidem este século" (2007, p. 116, grifos da autora).

Cabe aqui um breve excerto explicativo acerca de nossa instituição: completando 20 anos em 2023, a Unidade Escolar de Nova Iguaçu é um dos *campus* do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET no Estado do Rio de Janeiro. Oferecemos, nessa unidade, tanto o Ensino Médio quanto o Ensino Superior, com acesso via exames de seleção – o sistema ENEM para os cursos universitários e provas elaboradas pela banca CEFET para os cursos de nível médio. O projeto de extensão aqui apresentado, embora contando com extensionistas dessa última escolaridade, a ela não se restringiu: a despeito do foco no Ensino Médio, o objetivo também era envolver os alunos do curso de graduação, os docentes em geral e os demais funcionários da instituição.



REVISTA  
**interterritórios**

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

Assim sendo, julgamos importante aferir os hábitos de leitura daqueles pertencentes à comunidade escolar. O instrumento escolhido para isso foi um formulário elaborado na plataforma Microsoft Teams (adotada, desde o período pandêmico, para uso institucional na escola), amplamente divulgado de forma presencial e virtual. Pensamos em três principais questões a serem desvendadas por meio das respostas assim obtidas: qual a frequência média de leitura dos respondentes; se a jornada escolar interfere, ou não, nesse hábito, promovendo diferença quanto à periodicidade de livros lidos, por exemplo; quais são os gêneros e autores preferidos da maioria. Essa última informação é especialmente interessante de ser aferida, se pensamos em um projeto que, ainda em fase inicial de implementação, pretende tornar a leitura atrativa e angariar participantes para as rodas de debate. Seria válido que a primeira obra adotada fosse, em teoria, mais palatável, ao mesmo tempo que abordasse, tematicamente, assuntos que julgamos relevantes e urgentes em um mundo no qual o indivíduo “vive uma experiência cruel de fracasso pessoal no isolamento e na vergonha de si mesmo, que dão origem à amargura, ao desencorajamento, à depressão” e em que “diminui o sentimento de fazer diferença enquanto pessoa e de ser necessário aos outros e à sociedade” (Serroy e Lipovetsky, 2011, p. 37). A esse ponto da escolha da obra inaugural voltaremos mais adiante.

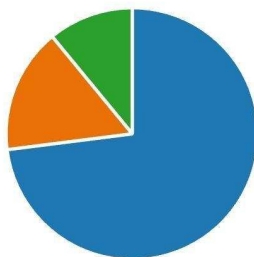
O questionário obteve 137 respostas, as quais nos auxiliaram a traçar um perfil quanto aos hábitos de leitura em nossa instituição. Em relação aos respondentes, tivemos o seguinte perfil:



**Figura 1: Perfil dos respondentes**

1. Você é:

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| ● Estudante do médio/técnico | 100 |
| ● Estudante da graduação     | 22  |
| ● Servidor                   | 15  |



Fonte: elaborado pelos autores.

Aqui podemos verificar a presença majoritária de alunos do Ensino Médio como respondentes de nossa pesquisa. Considerando que temos, na instituição, quatro turmas de cada uma das três séries do nível médio, contando com uma quantidade variada de estudantes, a depender do curso técnico e do ano, julgamos ter um índice satisfatório de respostas, que já nos permite levantar certas hipóteses e traçar alguns caminhos. Além dos cem alunos do Médio que responderam, tivemos a participação de vinte e dois estudantes dos cursos de graduação e de quinze servidores, dentre os quais se encontram professores e funcionários da unidade.

Um tópico que julgamos importante verificar, além da frequência literária em si, era em que medida a vivência acadêmica e/ou profissional poderia interferir no hábito de leitura. A jornada de estudo e/ou trabalho envolvendo o CEFET, instituição de ensino integral, que, por sua natureza, demanda muitas horas dedicadas ao estudo presencial (além de tarefas, leituras e demais exigências cumpridas fora do horário em sala de aula), poderia interferir na frequência de leitura literária? Cabe lembrar que os alunos do terceiro ano

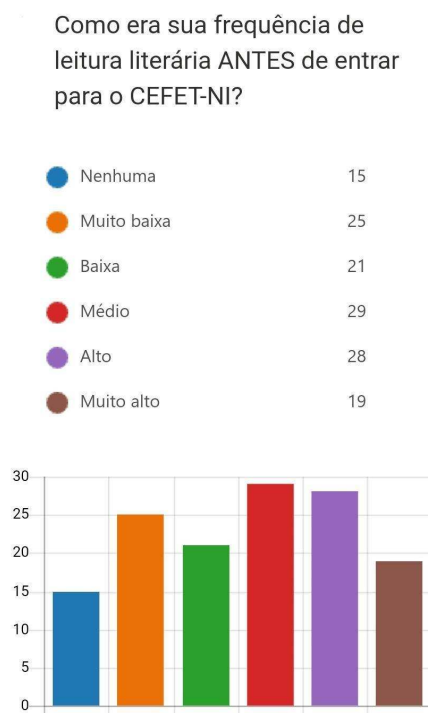


REVISTA  
**interterritórios**

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

ainda cumprem o estágio obrigatório, relacionado ao curso técnico escolhido, o que representa mais uma demanda concomitante às atribuições do colégio. A hipótese prévia era a de que havia, sim, alteração nos hábitos. Os dados coletados nos ajudam a tecer algumas conjecturas, como se vê.

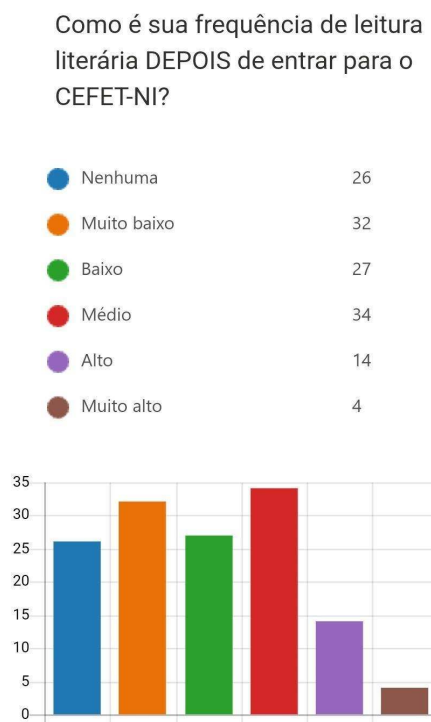
**Figura 2: Frequência de leitura antes do ingresso na instituição**



Fonte: elaborado pelos autores.

**Figura 3: Frequência de leitura após o ingresso na instituição**





Fonte: elaborado pelos autores.

Uma observação imediata é a do aumento no número daqueles que apontaram “Nenhuma” como opção para a resposta à pergunta sobre sua frequência de leitura: dos quinze que apontam não fazer nenhuma leitura literária em um ano, saltamos para vinte e seis alegando nada ler após o ingresso na escola. Supondo que muito provavelmente boa parte dos que responderam “Nenhuma” na primeira pergunta, sobre o costume prévio de ler, tenham mantido a resposta na segunda questão, ainda assim temos um aumento considerável no número daqueles cujo hábito de ler passou a zero. Isso aponta para uma necessidade quanto ao fomento da leitura.

Não se pode descartar a possibilidade de que haja quem passou do “Nenhuma” para outro nível, motivado, talvez, pelo ambiente escolar. Considerando isso, vejamos as outras alternativas presentes no gráfico. Para frequência de leitura “Muito baixa” e “Baixa” antes do ingresso no CEFET, tivemos, respectivamente, vinte e cinco e vinte e uma respostas; no gráfico referente às leituras após a entrada na instituição, temos um salto para trinta e dois e vinte e sete. Quanto àqueles que marcaram a alternativa “Médio” para



REVISTA  
interterritórios

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>



sua frequência de leitura, vamos de vinte e nove para trinta e quatro – outro aumento verificado. Comprova-se, assim, a queda na frequência de leitura por parte dos respondentes.

A análise do gráfico no que tange aos dois últimos índices – “Alto” e “Muito alto” – traz diferenças ainda mais drásticas. Enquanto vinte e oito pessoas responderam possuir uma frequência alta de leitura antes de entrar para o CEFET, e dezenove selecionaram “Muito alto” para classificar esse hábito, os índices caem para catorze pessoas (a exata metade do quantitativo anterior) com frequência alta, e apenas quatro (das dezenove iniciais) mantendo a classificação como muito alta.

Essa variação significativa, dentre aqueles que quase certamente tinham o hábito bastante arraigado – a julgar pelas classificações escolhidas para o “antes” –, sugere alguns apontamentos. Estaria a dinâmica escolar interferindo nessa variação? Parece-nos seguro dizer que a alta carga de afazeres leva, sim, a esse desacordo. Uma atividade que promova a leitura, então, como o Clube do Livro ora imaginado, é bem-vinda nesse contexto aferido. Considerando que o que desejamos é recuperar a frequência de leituras dos que já estavam a ela habituados, bem como motivá-la naqueles que pouco ou nada a mantêm, a proposição de uma leitura coletiva e de um debate posterior é uma excelente ferramenta, posto que “falar sobre livros com as pessoas que nos rodeiam é o fator que mais se relaciona com a permanência de hábitos de leitura” (Colomer, 2007, p. 143).

Vejamos outros dados extraídos do formulário. Em relação à quantidade média de livros lidos anualmente, antes e depois do ingresso na instituição, tivemos o retorno abaixo exposto.

**Figura 4: Quantitativo de leitura antes do ingresso na instituição**

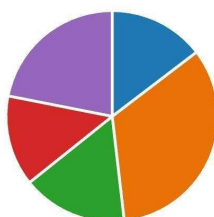


REVISTA  
**interterritórios**

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

Em média, quantos livros  
literários você costumava ler  
anualmente ANTES de entrar para  
o CEFET-NI?

|          |    |
|----------|----|
| ● Nenhum | 20 |
| ● 1-3    | 46 |
| ● 4-6    | 22 |
| ● 7-10   | 19 |
| ● +10    | 30 |

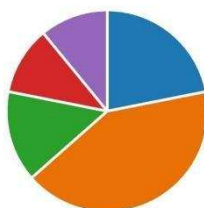


Fonte: elaborado pelos autores.

**Figura 5: Quantitativo de leitura após o ingresso na instituição**

Em média, quantos livros  
literários você costuma ler  
anualmente DEPOIS de entrar  
para o CEFET-NI?

|          |    |
|----------|----|
| ● Nenhum | 30 |
| ● 1-3    | 57 |
| ● 4-6    | 20 |
| ● 7-10   | 15 |
| ● +10    | 15 |



REVISTA  
**interterritórios**

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

Fonte: elaborado pelos autores.

Os dados que se podem ver nos gráficos imediatamente acima estão de acordo com aqueles observados nas figuras 2 e 3 e acompanham, proporcionalmente, a escala ali vista. Vinte pessoas alegam que não liam nenhum livro anualmente antes do ingresso na instituição, enquanto trinta afirmam nada ler no período atual, posterior a esse ingresso. Quanto aos demais níveis oferecidos pela pergunta, verificamos as seguintes diferenças: de um a três livros por ano, quarenta e seis (antes) *versus* cinquenta e sete (depois); de quatro a seis livros por ano, vinte e dois *versus* vinte; de sete a dez livros por ano, dezenove *versus* quinze; mais de dez livros por ano, trinta *versus* quinze.

As variações mais acentuadas estão nos dois extremos das alternativas: os que nada leem e os que leem mais de dez livros por ano no período atual, em oposição ao quantitativo referente ao momento anterior. É razoável supor que a maior parte dos que não leram livro algum se manteve nessa faixa, enquanto que migraram para esse nível aqueles que outrora liam de um a três livros, ou talvez de quatro a seis. Dificilmente indivíduos habituados a lerem mais de sete livros anualmente passaram a zero após iniciarem os estudos no CEFET, mas não é uma hipótese que possa ser totalmente descartada. O número dos que leem mais de dez livros caiu pela metade – de trinta a quinze –, e essa diferença foi absorvida pelos níveis quantitativamente mais abaixo. É bastante provável que tal escalonamento tenha ocorrido de forma mais ou menos igualitária nos outros níveis.

A mais recente pesquisa sobre os hábitos de leitura a nível nacional, feita em 2019 e divulgada em 2020, aponta que 2,5 é a média anual de livros lidos. A mesma pesquisa, realizada pelo Instituto Pró-livro em 208 municípios da União, em todos os Estados brasileiros, aponta que a principal motivação para ler um livro é o gosto pessoal, critério apontado por 38% dos entrevistados – acima de fatores como crescimento pessoal, distração, razões religiosas, obtenção de conhecimento geral, ou mesmo a exigência escolar ou do trabalho; este último, aliás, foi um dos fatores menos mencionados.

Ao teorizar sobre a leitura de livros considerados clássicos em diferentes momentos da vida, Ítalo Calvino aponta que “a juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares” (2007, p. 10). Ele também aponta que as leituras feitas nesse



REVISTA  
**interterritórios**

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

período podem ser "formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza" (Idem, p. 10). Pensando em termos de implementação de um Clube do Livro cujos integrantes seriam majoritariamente jovens estudantes do Ensino Médio, a eleição da primeira obra para leitura coletiva inspirou uma seleção especial. Certamente ela deveria, na medida do possível, atender aos gostos da maioria dos participantes. Ela também deveria promover a pluralidade e a ampliação de pensamento por meio da palavra escrita: Petit aponta que "a leitura, em particular a leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas" (2008, p. 19), além de também poder "representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania" (Idem, p. 19).

O questionário proposto via Microsoft Forms previa um campo no qual os respondentes poderiam assinalar seus gêneros literários favoritos. O formulário possibilitava que, nesse caso, mais de uma opção fosse marcada, a fim de que não fosse necessário escolher um único entre a ampla variedade de gêneros elencados. Os mais votados foram: Romance (84 respostas), Ficção (75 respostas), Fantasia (71 respostas), Ficção científica (61 respostas) e Ação e aventura (58 respostas). A título de comparação, o gênero mais mencionado após estes, Distopia, recebeu 39 respostas.

Com base nos dados obtidos em nossa pesquisa, nos preceitos teóricos e metodológicos estabelecidos para o projeto e na própria fascinação que essa obra, por seu teor, poderia trazer, elegemos a leitura inicial a ser feita pelo Clube de leitura em formação: *Kindred* (no Brasil publicado com o subtítulo *Laços de sangue*, da autora estadunidense Octavia E. Butler).

## Por que ler Octavia E. Butler?

A despeito de sua aclamação em seu país natal e em muitos outros nos quais já fora traduzida, Butler foi tardiamente resgatada pelo mercado editorial brasileiro. Sua primeira obra aqui publicada é justamente *Kindred* – considerada sua obra-prima, este que é seu quarto romance saiu originalmente em 1979 e foi trazido a público em terras nacionais pela Editora Morro Branco, em 2017. A mesma editora tem se empenhado em imprimir outros textos da



REVISTA  
interterritórios

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

autora, tais como a coletânea de contos *Filhos de sangue e outras histórias* e os volumes que compõem a série *O Padronista*.

Nascida em 1947 em Pasadena, Califórnia, Butler recebeu o epíteto de “a grande dama da ficção científica” por sua proeminência no campo. Entre outras honrarias, já foi condecorada com o Nebula e o Hugo, os dois mais famosos e prestigiosos prêmios voltados para obras de ficção científica e fantasia. Seus contos e romances se notabilizam pela abordagem temática até então inusual para o gênero em que escrevia: ao falar sobre racismo e machismo, por exemplo, bem como ao garantir o protagonismo negro em suas obras, a autora – ela própria uma mulher afroamericana – surpreendeu o público e evidenciou como o formato *scifi* pode ser, além do entretenimento, uma plataforma para a exposição de problemáticas sociais.

Narrado em primeira pessoa, *Kindred* não foge ao padrão que consagrou sua autora. A história nos é contada por Dana, uma jovem mulher negra que mora em Los Angeles, na década de 1970. Ela tem um emprego corriqueiro, o qual basicamente suporta enquanto não consegue renda e estabilidade suficientes para fazer aquilo que realmente deseja, que é viver de sua escrita – ambição que a própria Butler vivenciou. Ela é casada com Kevin, um homem branco, e o relacionamento inter-racial foi visto de forma diversa por suas respectivas famílias – para a dele, era insultuoso que a pureza da família fosse conspurcada; para a dela, a possibilidade de branqueamento dos filhos advindos daquela união era um elemento de forte positividade. Esse componente já garantiria um rico debate interpretativo da obra – e foi um dos tópicos mais comentados pelos alunos na roda de conversa sobre o livro –, mas a trama aprofunda o tema racial em seu conflito central.

Justamente no dia do seu aniversário de vinte e seis anos, enquanto arrumava os seus livros na estante de casa, Dana sente uma forte vertigem e se vê transportada para outro espaço e tempo. Ainda sem entender o que ocorreu, ela vê que está à beira de um rio no qual uma criança ruiva se afoga. Instintivamente, Dana mergulha e a retira da água, para depois fazer uma respiração boca a boca providencial. Como recompensa por sua atitude, ela se vê sob a mira de uma espingarda – e então, tão rapidamente quanto no início, ela se encontra de volta a 1976, na presença de seu marido, atordoado com seu súbito desaparecimento.

Essa é a primeira de seguidas ocorrências do tipo. Gradualmente, Dana percebe que esses episódios são viagens no tempo. Ela é sempre levada para



REVISTA  
interterritórios

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

a costa leste dos Estados Unidos no século XIX, local e época nos quais a sua simples existência já a colocava em risco: mulher negra, Dana viajava sempre para o período do regime escravocrata no sul de seu país. Ela também verifica que suas viagens sempre se relacionam a Rufus, o menino ruivo que ela resgatou do afogamento. A certa altura, descobre que Rufus é seu antepassado direto – então, vê-se na necessidade de salvar-lhe sempre a vida, ao menos até que nasça Hagar, filha de Rufus e sua tataravó, a fim de garantir a sua própria (dela, Dana) existência no século XX.

O *plot* da viagem no tempo é já tradicional na ficção científica desde H. G. Wells, considerado o fundador dessa espécie de subgênero. Posto isso, Butler dele se apropria e o renova ao colocar uma protagonista negra como viajante espacial – e o lugar ao qual ela sempre volta, a Fazenda Weylin, é uma incisiva e constante agressão a seu corpo negro, a sua identidade racial, a sua própria existência enquanto ser humano. Dana faz seis viagens para o passado, a cada vez passando gradativamente mais tempo naquela época (chega a passar meses no século XIX, enquanto, no tempo atual, decorrem apenas algumas horas). Dana tivera acesso a uma ampla instrução, inclusive sobre a história de lutas do povo negro nos Estados Unidos, mas vivenciar a realidade sobre a qual estudara – ainda que fartamente – trouxe-lhe um choque, como se vê no trecho que abaixo reproduzimos. Nele, Dana presencia, pela primeira vez, o açoitamento infligido como castigo a um homem negro.

O homem já tinha sido amarrado com firmeza à árvore. Um dos brancos foi até o cavalo para pegar um chicote. Ele o estalou uma vez no ar, aparentemente para sua própria diversão, e então o lascou nas costas do homem negro. O corpo dele convulsionou, mas o único som que emitiu foi uma arfada. Levou vários outros golpes sem gritar, mas eu ouvia sua respiração, forte e rápida.

Atrás dele, a criança chorava alto agarrada à perna da mãe, mas a mulher, como o marido, permanecia em silêncio. Ela segurava a pequena contra seu corpo e permaneceu de cabeça baixa, recusando-se a ver a surra.

E então, o homem fraquejou. Começou a gemer, soltar sons guturais baixos, arrancados contra sua vontade. Por fim, passou a gritar.

Literalmente, eu sentia o cheiro de seu suor, ouvia cada respiração laboriosa, cada grito, cada açoite. Vi seu corpo estremecendo, convulsionando, sofrendo contra o chicote conforme os gritos continuavam. Meu estômago se revirou, e



REVISTA  
**interterritórios**

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>



eu tive que me forçar a ficar onde estava e a me manter em silêncio. Por que eles não paravam?

- Por favô, Senhô - implorou o homem. - Pelo amor de Deus, Senhô, por favô...

Fechei os olhos e contraí os músculos contendo a ânsia de vômito.

Já tinha visto pessoas serem surradas na televisão e nos filmes. Já tinha visto sangue falso nas costas delas e ouvido gritos bem ensaiados. Mas não havia ficado perto e sentido o cheiro do suor nem ouvido as súplicas e as orações das pessoas humilhadas diante de suas famílias e de si mesmas. Eu provavelmente estava menos preparada para a realidade do que a criança que chorava não muito longe de mim. Na verdade, ela e eu estávamos reagindo de modo muito parecido. Meu rosto estava banhado em lágrimas. E minha mente ia de um pensamento a outro, tentando me desligar das chibatadas. Em determinado momento, essa covardia extrema até trouxe algo útil. Um nome para os brancos que atravessavam a noite no Sul pré-guerra, derrubando portas, surrando e torturando negros.

Capatazes. Grupos de jovens brancos que mantinham a ordem de modo ostensivo entre os escravos. Capatazes. Precursores da Ku Klux Klan (Butler, 2017, p. 58–59).

Ao escolhermos *Kindred* como leitura inicial no projeto de extensão desenvolvido, conscientemente optamos por uma obra que, ainda que escrita há mais de quarenta anos, traz uma temática deveras urgente. A despeito do nosso distanciamento temporal e geográfico em relação à data de publicação da obra e ao período histórico anterior nela retratado, a despeito de Butler escrever sobre o contexto das relações raciais nos Estados Unidos, país no qual estas "são o produto de migrações e conquistas, as raças sendo entidades socialmente definidas no contexto de interações competitivas marcadas pelo etnocentrismo" (Gonzales e Hasenbalg, 1982, p. 71), seu texto encontra ecos no Brasil de 2023. Manifestações de racismo são, ainda, constantes em nosso país, o último do mundo ocidental a abolir a escravidão. Cremos que tanto o conteúdo da obra de Butler quanto a representatividade trazida pela sua própria figura são pontos importantes para demarcar nossa postura nesse Clube do Livro então em formação.



REVISTA  
interterritórios

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>



Ao apontar a representação da mestiçagem como ícone nacional, surgida no Brasil a partir dos anos 1930 e baseada no estereótipo de uma mescla harmoniosa entre as três raças fundadoras da nação, Schwarcz sinaliza que se tratou apenas de uma “redenção verbal”, posto que “a valorização do nacional é acima de tudo uma retórica que não tem contrapartida na valorização das populações mestiças discriminadas” (1998, p. 178). Assim sendo, o “elogio do cruzamento”, expressão também cunhada por Schwarcz (2005, p. 19), não se refletiu na adoção de políticas públicas que efetivamente proporcionassem mudanças na vida da população negra, ou ao menos trouxessem visibilidade a esse grupo historicamente subjugado. Reflexos disso são usualmente vislumbrados no cenário brasileiro, marcado pelo racismo estrutural, o qual é um “elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. (...) [ele] fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (Almeida, 2019, p. 21).

Se regressamos ao final do século XIX, mais especificamente à época da abolição da escravatura no Brasil, encontramos raízes mais profundas, cujos frutos se percebem na realidade de hoje. Segundo Ramos, a Lei Áurea foi instituída com base no furor idealista então vigente, o que garantiu ao negro a liberdade do ponto de vista legal, mas não em uma perspectiva social e psicológica. Por consequência, o país já então carecia – e ainda carece – de mecanismos voltados para essa minoria, a fim de promover uma verdadeira libertação e a efetiva cidadania.

O idealismo utópico dos homens do Império e da República fazia da liberdade uma condição jurídica. Animados por esse idealismo utópico, os homens da Abolição deram ao negro a condição jurídica de cidadão livre. Mas sabe-se, hoje, que a liberdade é mais do que uma condição jurídica, é uma situação complexa, dinamizada por fatores psicológicos e sociais numerosos.

A condição jurídica de cidadão livre dada ao negro foi um avanço, sem dúvida. Mas um avanço puramente simbólico, abstrato. Socioculturalmente, aquela condição não se configurou; de um lado porque a estrutura de dominação da sociedade brasileira não se alterou; de outro lado porque a massa juridicamente liberta estava psicologicamente despreparada para assumir as funções da cidadania (Ramos, 2023, p. 41).



E o que pode a Literatura diante de tal cenário? Seria ela uma arma de mobilização, de promoção da consciência cidadã? Sabemos que sim. Calvino aponta que “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (2007, p. 16). Tal perspectiva se aplica tanto no âmbito da experiência individual, no componente catártico inerente à obra de arte, quanto na esfera da coletividade, no livro como retrato de uma realidade e uma época. Se, conforme aponta Manguel, “o livro na minha estante não me conhece até que eu o abra e, no entanto, tenho certeza de que ele se dirige a mim – a mim e a cada leitor – pelo nome; está à espera de nossos comentários e opiniões” (1997, p. 106), eu constantemente dialogo com o texto que leio, absorvo-o e dele extraio percepções sobre mim mesmo e sobre o universo que me cerca. A Literatura é espaço que promove identificação – de mim mesmo, com o outro – e empatia; é espaço que leva a uma consciência emancipada.

Também não nos esquecemos da própria relevância de *Kindred* enquanto livro promotor de prazer na leitura e, além disso, de *fruição*. Referimo-nos ao famoso conceito cunhado por Barthes ao aludir a obras capazes de levar o leitor ao salto, à leitura que constantemente ergue a cabeça em busca de ar após o mergulho. Barthes aponta que o texto calcado no prazer “contenta, enche, dá euforia” (1987, p. 21), enquanto que o texto de fruição é “aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor” (Idem, p. 21–22); o indivíduo que submerge em tal tipo de leitura obtém “ao mesmo tempo o prazer (o contentamento) e a fruição (o desvanecimento)” (Idem, p. 27). O texto de Butler nos traz ambos, garantindo a fluidez de uma leitura instigante que captura o leitor e promovendo o nó na garganta com o recorte social e racial nele presente – convite aberto à reflexão.

Uma determinada passagem do livro de Butler chama bastante a atenção do leitor. Conforme já apontamos ao falar sobre a sinopse da obra, Dana faz algumas viagens ao passado e, a cada uma delas, permanece mais tempo no século XIX, chegando a viver semanas e meses nessa realidade temporal. Para se adaptar ao contexto e aguardar o momento de retorno, já que não depende dela própria a iniciativa de regressar para seu século (as viagens no tempo acontecem independentemente da vontade de Dana e movidas por forças que ela desconhece), Dana opta por algumas mudanças em seu comportamento. Adota roupas próprias da época e passa a viver junto aos escravizados, sabendo que não teria chances de ser reconhecida como uma mulher livre naquele cenário. Ela ajuda no serviço da Fazenda Weylin,



REVISTA  
interterritórios

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

onde mora Rufus, e passa ela própria pelas situações de castigo e suplício vividas pelos negros. A despeito disso, ela mantém, a princípio, sua postura combativa, questionando-se acerca da normalização da escravidão – como era possível que aquelas situações degradantes fossem encaradas como simples cotidianidade, seja pelos carrascos, seja pelas vítimas? Em dado momento, porém, Dana percebe que se tornou, de certo modo, partícipe dessa normalização que antes não compreendia. A narradora se questiona: “Atravessei o corredor e fui em direção às escadas lentamente, perguntando-me por que não tinha tentado me defender, nem tentado, pelo menos. Eu estava me acostumando a ser submissa?” (Butler, 2017, p. 352).

Trechos como esse foram recuperados pelos estudantes durante o debate na roda de conversa promovida para o primeiro encontro do Clube do Livro, justamente porque o tópico da normalização daquilo que é, em verdade, absurdo é uma tônica extremamente atual. Em um país marcado por profundas contradições, “os oprimidos brancos da sociedade (...) são racistas pela educação e pela socialização recebidas na família e na escola” (Munanga, 2019, p. 16). Nessa condição hierarquizada que incorporamos e reproduzimos, frequentemente sem amadurecermos o olhar quanto ao racismo institucionalizado ali presente, o espaço do servir é encarado como o único ao qual o negro pertence. Em um indesejado efeito, mesmo o indivíduo negro pode chegar a reduzir-se a esse suposto único lugar que lhe cabe. É o que se passa, por exemplo, com a personagem Dana, em seu aturdimento diante da consciência da própria submissão. Tal percepção limitadora do espaço da negritude leva, conforme Francisco, a um “estreitamento do pensamento” (2020, p. 208), posto que “o racismo afeta a todos, não somente à pessoa negra” (Idem, p. 208).

O fomento às reflexões trazido pela Literatura, a gradativa consciência de si mesmo e de sua composição identitária, o desenvolvimento de olhares múltiplos, o perceber-se no lugar do outro e o perceber o outro como seu semelhante são ganhos inquestionáveis. Ainda que a leitura não seja, por si só, uma atividade milagrosa, por assim dizer, ela tem o poder de promover o pensamento empático, em lugar do reativo. Em um contexto de adolescência, esse traço é algo particularmente vantajoso. É o que nos sinaliza Petit.

Hoje, cada um deve construir sua identidade e experimentar, bem ou mal, na busca de sentido, valores, referências, lá onde os limites simbólicos não existem, com todos os riscos que isso comporta, particularmente na adolescência. Em muitos países,



REVISTA  
**interterritórios**

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

as pessoas se preocupam justamente com o aumento das condutas de risco entre crianças e jovens. Este é um motivo a mais para nos interessarmos pelo papel que a leitura pode desempenhar na elaboração da subjetividade, na construção de uma identidade singular e na abertura para novas sociabilidades, para outros círculos de pertencimento.

O espaço íntimo que a leitura descobre, os momentos de compartilhar que ela não raro propicia, não irão reparar o mundo das desigualdades ou da violência - não sejamos ingênuos. Ela não nos tornará mais virtuosos nem subitamente preocupados com os outros. Mas ela contribui, algumas vezes, para que crianças, adolescentes e adultos, encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência. Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra (Petit, 2008, p. 12–13).

O contato com histórias como “Kindred”, portanto, é fator de subjetividade e humanização; proporciona novas concepções acerca do convívio social; aponta cenários reais e possibilidades de novos caminhos. “Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano”, afirma Todorov (2009, p. 92–93). Promover Butler como leitura inicial de nosso Clube do Livro é garantir esse conhecimento, mediá-lo e fornecer ferramentas para tal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando da idealização do projeto de extensão cujo percurso inicial foi apresentado aqui, o desejo de fomentar a leitura literária – que desconfiávamos ser negligenciada em meio aos variados afazeres de um estudante de Ensino Médio em nossa Unidade Escolar – era nosso principal mote. A paixão pelo livro enquanto móbil que ajuda a viver, como Todorov postula, guiou-nos desde o primeiro momento.

A suspeita de que a intensa rotina de estudos estaria interferindo, de algum modo, na frequência de leitura outrora habitual, por parte dos estudantes, motivou a elaboração de um Formulário amplamente divulgado na Unidade Escolar. Ele serviria para, a um só tempo, verificar a possível



REVISTA  
**interterritórios**

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>

comprovação da hipótese levantada, apontar a necessidade e viabilidade de um projeto de extensão voltado ao formato Clube do Livro e investigar preferências de leitura entre os futuros participantes desse mesmo projeto.

Com base na análise dos dados coletados, descobrimos, que há, sim, significativa queda na frequência da vida leitora daqueles que já possuíam tal hábito. Além disso, a pesquisa aponta para a não existência de uma cooptação dos estudantes que outrora não liam. Posto que o indivíduo entra em contato com obras literárias “para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo” (Todorov, 2009, p. 33), esse acesso precisa ser amplamente viabilizado e estimulado. A Literatura é, como postulou Candido em famoso ensaio (2011), um direito humano.

Nesse mesmo texto, Candido afirma que a obra literária “satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles” (2011, p. 182–183). Ao definir um *corpus* literário, não poderíamos renunciar a tal norte. No intuito de nos debruçar sobre um texto que fosse ao mesmo tempo envolvente e de temática poderosa, que promovesse prazer e também fruição, convocamos a ficção científica de Octavia E. Butler. *Kindred* foi uma escolha excelente desde o gênero – o formato *scifi* usualmente conquista os leitores jovens – até a abordagem ali presente. A questão racial é uma demanda antiga da sociedade brasileira e ainda não amenizada, conforme apontado por diversos teóricos, alguns dos quais aqui citados, e conforme verificado no dia a dia de todas as pessoas. Lermos uma voz negra é um passo em direção a uma equidade desejada e distante, mas não totalmente impossível.

Nestas páginas, procuramos, ainda que sucintamente, expor a relevância presente na leitura de nomes como Butler, bem como o aporte teórico que sustenta tal decisão. A implementação de um Clube voltado à leitura, em uma época que tanto negligencia quanto teme a função dos livros, é, ao fim e ao cabo, um ato de firmeza, uma importante tomada de decisão. Conforme Manguel, os donos do poder “exigem que nos tornemos estúpidos e que aceitemos nossa degradação docilmente (...). Nessas circunstâncias, os leitores não podem deixar de ser subversivos” (1997, p. 35). Que o sejamos, pois.



## REFERÊNCIAS

- Almeida, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- Barthes, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- Butler, Octavia E. **Kindred – laços de sangue**. Tradução: Carolina Caires Coelho. São Paulo: Morro Branco, 2017.
- Calvino, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Candido, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- Colomer, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1. ed. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- Ferreira, Hugo Monteiro. **A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- Francisco, Maria Cristina. **Olhos negros atravessaram o mar – o corpo negro em cena na análise corporal: Bioenergética e Biossíntese**. São Paulo: Haka Books, 2020.
- Gonzales, Lélia; Haselbalg, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- Lipovetsky, Gilles; Serroy, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Manguel, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Munanga, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- Petit, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.



REVISTA  
interterritórios

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>



Ramos, Guerreiro. **Negro sou: a questão étnico-racial e o Brasil – ensaios, artigos e outros textos (1949 – 73)**. 1. ed. São Paulo: Zahar, 2023.

Retratos da leitura no Brasil - 5ª edição. Instituto pró-livro, 2020. Disponível em: [https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_IPL-compactado.pdf](https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf). Acesso em 20 de fev. de 2024.

Schwarcz, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAIS, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil, volume 4: contrastes da intimidade contemporânea**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Schwarcz, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Todorov, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Submissão em 29 de fevereiro de 2024.

Aceite em 07 de maio de 2024.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0

Internacional. Texto da Licença:

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA  
**interterritórios**

**Interterritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e261868 [2024]  
**Dossiê Os desagendamentos da educação e a  
resistência à projetos neoliberais e  
neoconservadores: corpos, gêneros e  
sexualidades em espaços escolares e não  
escolares**  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261868>